

13/04 (terça-feira)

A FUNÇÃO DO ESTÚDIO:  
DO GALPÃO À GALERIA,  
PASSANDO PELO ESCRITÓRIO

LILIAN MAUS / ALÊ SOUTO  
VICTOR ARRUDA /  
MEDIÇÃO: FERNANDA PEQUENO

14/04 (quarta-feira)

O ATELIÊ É O MUNDO:  
DO LABORATÓRIO À CIDADE,  
PASSANDO PELO AVIÃO

GRAZIELA KUNSCH / MALU FATORELLI  
BÁRBARA COLLIER  
MEDIÇÃO: MARISA FLÓRIDO CESAR

15/04 (quinta-feira)

A TORRE QUE NÃO É DE MARFIM:  
DA CASA À ESCOLA,  
PASSANDO PELO COMPUTADOR

JAILTON MOREIRA / CADU /  
ROSANA RICALDE /  
MEDIÇÃO: GUILHERME BUENO

# POSSIBILIDADES DO ATELIÊ CONTEMPORÂNEO

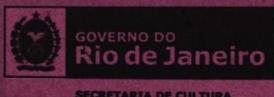
19h às 22h ENTRADA FRANCA

EAV Escola de Artes Visuais do Parque Lage

Rua Jardim Botânico, 414 – Jardim Botânico  
[www.eavparquelage.rj.gov.br](http://www.eavparquelage.rj.gov.br)

info: [projetosubsolo@projetosubsolo.com](mailto:projetosubsolo@projetosubsolo.com)

APOIO:



SOMANDO FORÇAS



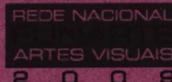
AMEAV



REALIZAÇÃO:



PATROCÍNIO:



Ministério da Cultura



16  
Não recomendado para menores de 16 anos.

Dia 13/04 (terça-feira)

**A FUNÇÃO DO ESTÚDIO:  
DO GALPÃO À GALERIA,  
PASSANDO PELO ESCRITÓRIO**

Aborda as relações entre o local de produção, discussão, agenciamento e fruição artísticas, favorecendo as experiências de uso coletivo de um mesmo espaço. Pensando as estratégias de realização, gerenciamento e exposição de trabalhos de arte, a mesa abordará a utilização estratégica de um mesmo espaço para criação, produção de eventos, festas e leilões, bem como para a armazenagem de trabalhos e recepção de curadores e críticos de arte.

Palestrantes:  
**LILIAN MAUS** (Ateliê Subterrânea, Porto Alegre)  
**ALÉ SOUTO** (APIS, Espaço C.A.V.E., Rio de Janeiro)  
**VICTOR ARRUDA** (artista, Rio de Janeiro)

Mediação:  
**FERNANDA PEQUENO**  
(crítica de arte e curadora, Doutoranda no PPGAV / EBA-UFRJ).

Dia 14/04 (quarta-feira)

**O ATELIÊ É O MUNDO:  
DO LABORATÓRIO À CIDADE,  
PASSANDO PELO AVIÃO**

Enfoca o ateliê como local de experimentação diária e privada, intervalo ou suspensão, de maneira a confrontá-lo com experiências que prescindem de seu uso, como atuações [individuais e coletivas] diretas no espaço urbano, tais quais residências e intercâmbios, que favorecem a formação de ateliês temporários, sem delimitações físicas instituídas.

Palestrantes:  
**GRAZIELA KUNSCH** (artista e curadora, São Paulo)  
**BÁRBARA COLLIER** (Branco do Olho, Recife)  
**MALU FATORELLI** (artista e professora da linha de pesquisa Processos Artísticos Contemporâneos, PPGARTES/ UERJ, Rio de Janeiro)

Mediação:  
**MARISA FLÓRIDO CESAR** (curadora, pesquisadora do tema, Doutora pelo PPGAV / EBA-UFRJ)

Dia 15/04 (quinta-feira)

**A TORRE QUE NÃO É DE MARFIM:  
DA CASA À ESCOLA,  
PASSANDO PELO COMPUTADOR**

As relações entre arte e lugar sugerem indagações a respeito dos contornos (físicos e simbólicos) do ateliê do artista contemporâneo, assim como seu uso como abrigo poético ou para fins didáticos. Será abordada a consolidação do estúdio como a ambiência profícua, onde as relações e os limites entre público e privado e o esquema ideação-execução-apresentação são relativizados.

Palestrantes:  
**JAILTON MOREIRA** (Torreão, Porto Alegre)  
**CADU** (artista, Rio de Janeiro)  
**ROSANA RICALDE** (artista, Rio de Janeiro)

Mediação:  
**GUILHERME BUENO** (crítico de arte e curador, Doutor pelo PPGAV / EBA-UFRJ)

Se, ao longo do século XX, a noção de ateliê como lugar exclusivo de produção artística foi sendo transformada, contemporaneamente, uma investigação sobre a importância desse espaço físico e simbólico torna-se imperativa. Tradicionalmente associado a uma ideia mítica de criação artística, de isolamento e mesmo de aprendizagem, o estúdio ganha, na contemporaneidade, novas funções e configurações, podendo comportar inúmeros lugares e conceitos. Dessa forma, o seminário Possibilidades do Ateliê Contemporâneo disponibiliza um ambiente de reflexão e debate, possibilitando que artistas e coletivos, com ampla atuação no campo das artes visuais e grande experiência em gerenciamento de ateliês individuais e coletivos, sejam generosos e compartilhem suas reflexões, bem como processos e pesquisas, e não apenas o resultado final de seus trabalhos. Favorecendo o intercâmbio entre experiências distintas, individuais e coletivas, oriundas de Porto Alegre, Recife, São Paulo e Rio de Janeiro, o seminário visa alimentar o diálogo entre a produção artística contemporânea e o ateliê, de forma a repensar os contornos e as especificidades desse espaço na contemporaneidade, mapeando e confrontando as diversas relações possíveis entre a produção e suas opções de uso ou rejeição de estúdios.

Fernanda Pequeno

“Realizo uma espécie de “trânsito” da informação, que migra do ambiente urbano e vai ser processada no ateliê de forma a não se tornar tão óbvia e direta. Me interessa o diálogo entre as coisas, ver o que dá quando se insere no mundo objetivo algo que lhe é estranho, não reconhecível, não usável, propor uma inserção subjetiva na estrutura coletiva e impessoal da cidade, instigar um olhar que demora nas coisas, que quer saber mais. Meus trabalhos deixam pistas de que existe outro “lugar” possível.”

Alé Souto

“O Branco do Olho – B.O. – é um coletivo de artistas que vem, desde 2004, buscando realizar atividades de fomento e difusão das artes visuais, tais como exposições, mostras de vídeo, performances etc. Atuando principalmente em Recife e Olinda, o coletivo vem contribuindo para o adensamento do campo da arte ao articular artistas em suas poéticas e para a legitimação de suas produções. Assim, ao funcionar como um catalisador da produção artística, o Branco do Olho tem cumprido importante papel na promoção da arte contemporânea em Pernambuco.”

Bárbara Collier

“Uma vez ouvi uma frase atribuída a Lampião: “Minha casa é meu chapéu”.

Fiquei muito impressionado.

Uma parte do laboratório de um criador convive com ele acima dos olhos; ali, tudo se dá, tudo é possível. Mas, para chegar ao mundo, é preciso outra parte, estável e com teto. Moramos em ambas, e cada uma cresce à medida que resistimos.”

Cadu

“O Torreão, durante 16 anos de atividades, foi associado às intervenções realizadas por artistas especificamente em sua torre. Simultaneamente, nele se desenvolveu intensa atividade de ensino de arte, onde as relações entre arte e lugar aparecem com frequência, e, para tal, foi criada uma série de 11 workshops, chamada Atelier Aberto, que tem o espaço da paisagem como centro das especulações e discussões. Para ampliar as abordagens, situações radicalmente opostas, como desertos, praias e montanhas, foram utilizadas de maneira a gerar indagações a respeito dos limites e das possibilidades do ateliê do artista e do próprio ensino de arte.”

Jailton Marenco Moreira

“Quando abri a casa onde morava como “residência pública”, no dia 3 de agosto de 2001, pedi às pessoas que levassem uma almofada de presente, porque a casa não tinha sofá, e eu imaginava as pessoas em roda, conversando (sobre a Casa da Grazi).”

Graziela Kunsch

“Falo do ateliê com certa distância, da ambígua posição de quem assiste sua dinâmica, mas permanece, em certa medida, exterior a ela. Talvez, o paralelo que posso estabelecer com ele é o da biblioteca para o escritor; é o espaço onde o real é meditado, filtrado, reinventado – e por que não dizer? – decidido. Como testemunho de uma obra, de seu processo, gosto de pensar no ateliê como esse espaço que oferece todas as possibilidades, mas também as controla atentamente – ver diferentes trabalhos acontecendo lado a lado, medindo-se e questionando-se mutuamente. Acredito que o ateliê não se restringe ao esforço físico ali despendido na consecução de um objeto, ele também é o lugar de conversas entre os artistas e seus pares. Nele, há sempre alguns livros preferidos, enfim, é um micro-mundo que se constrói em torno da obra.”

Guilherme Bueno

“Na apresentação, será levantado o problema da função do ateliê do artista na contemporaneidade e o desenvolvimento desse lugar como “espaço de trocas”. Serão apontados alguns exemplos de iniciativas coletivas de ateliê na cidade de Porto Alegre, com enfoque especial nas experiências do Atelier Subterrânea, em que sou artista participante, com Aduany Zimovski, Gabriel Netto, Guilherme Dable, James Zortea e Túlio Pinto.”

Lilian Maus

“O ateliê contemporâneo pode ser coletivo, individual, real, virtual, público ou privado, mas é sempre um lugar tensionado por exigências processuais que, muitas vezes, escapam a um domínio previamente determinável.

Na minha pesquisa, o ateliê frequentemente se sobrepõe ao espaço da obra. As intervenções artísticas são pensadas e articuladas a determinados lugares muito específicos, e o trabalho se torna uma espécie de ateliê temporário.”

Malu Fatorelli

“Se o sentimento com relação ao ateliê transita sempre dúbio entre o encantamento e o mal-estar, é porque sua natureza também é ambígua: pertence ao universo artístico, mas é extrínseco à obra de arte. Como a moldura, o ateliê se insere nos domínios da margem, dos apensos à obra de arte, dos hors d’oeuvre. Entre a origem e a margem, é, sobretudo, um entre, uma trama intermediária que articula e confunde os universos que deveria delimitar: um intervalo e um trânsito entre a arte e o mundo, o íntimo e o público, o centro e a periferia. Entre a origem da obra (à qual se relaciona a origem e a definição da arte, do artista, do fruidor) e seu abandono (a inscrição da obra no mundo exterior, sua circulação no circuito institucional e comercial da arte, sua deriva na natureza opaca das coisas), o ateliê é uma passagem, uma trama intermediária, um limite provisório. O ateliê é uma moldura habitável.”

Marisa Flório

“O ateliê sempre foi muito importante para o meu fazer. Desde o início da minha carreira, investi em manter um espaço de trabalho. No princípio, era um espaço dividido por vários artistas, o que permitiu uma troca de experiências fundamental para mim naquele momento. Hoje, tenho dois espaços: um no Rio de Janeiro, e outro construído especificamente com a finalidade de ser ateliê em Rio das Ostras, onde estou vivendo. Percebo que esses espaços, como meus trabalhos, foram se transformando juntos ao longo dos anos, se adequando às minhas necessidades, e me dando informações que acabaram por deixar marcas no trabalho.”

Rosana Ricalde

“Meu ateliê é onde.”

Victor Arruda

Ficha técnica

Concepção e curadoria: Fernanda Pequeno

Organização e produção executiva: Ana Angélica // Projeto Subsolo

Produção: Janaína Garcia // Projeto Subsolo

Programação visual: Olívia Ferreira e Pedro Garavaglia // Radiográfico

arte sobre fotos de Rafael Adorjân